

Sarney: democracia não será improvisada

O senador José Sarney (Arena-MA), falando em nome da maioria, por delegação do líder Petrônio Portella, assinalou, ontem, que o País está amadurecido para sair do campo difuso das aspirações e iniciar a tarefa concreta de encontrar a fórmula de conciliar o seu desenvolvimento com um sistema institucional que, sem colocar em risco a continuidade de êxitos materiais, possa chegar ao leito prático dos mecanismos democráticos.

O parlamentar procurou apresentar uma breve resposta aos discursos pronunciados, pelos senadores Paulo Brassard e Marcos Freire, destacadamente, saudando a volta do debate parlamentar como um dos caminhos para a distensão e engrandecimento do Congresso. Criticou, porém, o pessimismo que vem acompanhando a fala dos opositoristas, pouco condizente com a real situação do País.

Disse que o painel apresentado pelo MDB, no Senado, não é aceito pelo povo como verdadeiro e o renascimento dos debates parlamentares era uma prova que a situação hoje é outra daquela apresentada por líderes opositoristas. "Hoje há uma aspiração nacional pela liberdade e pela democracia. E, nós não podemos dar aos homens do MDB o direito de dizer que eles trabalham mais por esta normalidade do que nós, e mais do que nós, o Presidente da República, porque ele tem os encargos de pegar as águas revoltas, e, ainda, muitas delas são revoltas e ordená-las para o processo de reconstrução nacional".

Desenvolvimento e liberdade, segurança e democracia, aduziu, são palavras em busca de uma combinação adequada. Todos acham que é necessário sair das atuais circunstâncias, das leis de exceção editadas dia a dia, para uma base institucional estável que possa, gradativamente, criar um suporte definitivo, além dos homens e dos governos, para respaldar a responsabilidade e a tarefa já vislumbrada de um Brasil com graves encargos mundiais de potência.

Continuando, Sarney afirmou que não há instituição política duradoura que tenha nascido perfeita e não necessite do exercício do tempo para sublimar-se, com uma dinâmica de melhoria. "As fórmulas importadas e sem máculas, fruto de composições arbitrárias, elaboradas em angélicos laboratórios ou adivinhadas pela luz da força, tendem ao serem transplantadas para a realidade, a alcançar objetivos inversos daqueles a que se propõem e pelo exercício se decompõem e se corrompem. Um grande País, como o nosso, não pode se dar ao luxo das improvisações nem dispensar por desnecessárias a estabilidade constitucional e a aspiração de objetivos políticos permanentes. Isto não quer dizer que estejamos no terreno movediço das crises insolúveis ou de caminhos que não levam a nada, mas, que a meta da democracia é importante e vital e não pode ser postergada".

HORA DA CRIATIVIDADE

O ex-governador do Maranhão sustentou que esta é a hora da criatividade política e deve estar sua elaboração tanto quanto o econômico na Mesa do planejamento. "A Democracia não está em crise no mundo atual. A crise da democracia é a crise de transição dos valores do nosso tempo. As aspirações, e aspirações democráticas, estão intocáveis e não há notícia de nenhuma descoberta recente que oferecesse outra alternativa melhor nem foi vislumbrada nenhuma forma de governo que pudesse superá-la."

Adiante disse que no fim deste século estarão claros os contornos definitivos do mundo do próximo milênio. "A nossa participação planetária em todos os setores da vida não está fora da nossa obstinação nem como povo, nem como Estado. O Brasil é o último dos grandes países de extensão territorial a ocupar o vazio de seu peso político na distribuição do poder no mundo."

Para Sarney não podemos correr os riscos da pressa institucional sem objetivo definido, mas, não podemos cometer o crime do seu esquecimento, a lacuna de sua falha na preparação desse tipo de missão que nos está reservada e atrasarmos a ocupação do nosso lugar pela falta de embasamento no mundo atual. "O planejamento que é o nosso Deus, aduziu, não pode abominar esse setor, como um terreno infenso a sua área de atuação, prioritária, como desnecessário e até mesmo contrastante."

Apontou que a substituição da democracia pela burocracia é doença do nosso tempo, mas, não é uma saúde obrigatória às grandes nações. "Ao contrário, se há uma luta nos países de velhas e vitoriosas instituições políticas é a luta contra a deformação das invocações técnicas que transformam a burocracia não num instrumento de eficiência governamental, mas, num perigoso "by pass" da atividade política. Ela funciona bem nos países privados de liberdade, onde o poder de criação fica na programação do Estado e onde o homem, massificado é instrumento puro e simples da máquina de produção."

VOCAÇÃO DO BRASIL

Sustentou que a vocação do Brasil é por uma sociedade aberta. Os fundamentos do País, como Estado independente, cresceram sob a marca da liberdade. A doutrinação permanente dos nossos homens públicos não deixou outro caminho senão o de uma consciência nacional dos valores democráticos. "O nosso povo foi trabalhado ao longo da nossa história para ser um País livre. A Revolução de 64, assim, sem abandonar as vocações do Brasil não se furtou a este compromisso. E um País criado sob essa marca tem sempre e prioritariamente o problema institucional como preocupação central de seu êxito. Assim, devemos distinguir na visão histórica da nação o que é transitório e o que é permanente, as nossas dificuldades do presente e os objetivos do futuro."

OBJETIVOS DA REVOLUÇÃO

Recordou José Sarney que a Revolução de 64 tinha como único objetivo conjurar uma situação de fato: a desordem econômica e social, a ameaça comunista, a desintegração das forças armadas que se vinha manifestando através da quebra dos princípios hierárquicos e a corrupção administrativa. "As circunstâncias constituiriam o seu material de aglutinação e de ação. O movimento não tinha uma formulação de como criar um sistema capaz de evitar a existência dos males, que atingiam a sociedade brasileira e ameaçavam despedaçá-la".

Os próprios chefes militares vitoriosos ainda não tinham a noção de que a Nação estava preparada, não somente para um movimento militar, mas, para uma verdadeira revolução, prosseguiu o senador maranhense. Essa falha era também de todos os políticos que os acompanhavam e nenhum tinha qualquer previsão quanto aos caminhos do futuro ou objetivos pragmáticos de construí-lo.

A filosofia da Revolução era reconstruir e não inovar. Limitava-se as medidas à melhoria do processo legislativo e suspensão das garantias constitucionais, com o cuidado de limitar os seus efeitos a um prazo de 180 dias, relatou Sarney. "Mantem as eleições diretas, os partidos, e a Constituição de 46 em sua integridade, afirmando que esse fato era para não radicalizar o processo. A evidência é a de que os revolucionários desejam manter os compromissos democráticos e a ação por eles empreendida destina-se a salvar as instituições ameaçadas". Era uma Revolução profilática, asseverou.

Verificou-se, porém, que é inviável a tentativa de conviver a Revolução com a ordem constitucional existente. A limpeza de pessoas e processos não era tudo que se desejava. A limpeza para ordenar os anseios e necessidades. "As lideranças civis do Movimento desintegram-se. Os grupos militares radicais exigem mais dureza de comportamento e imputam o Governo de incompetência e de frustrar a sua base de sustentação. O País é sacudido de alto a baixo. De todas as bancas surgem ansiedades desejando que todas